

## CONTEXTO NO PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO DE TIRAS BRASILEIRAS EM AMBIENTES DIGITAIS

PAULO RAMOS\*

**RESUMO:** O ingresso das tiras nos ambientes digitais trouxe algumas mudanças. Uma delas é a possibilidade de criação das histórias em formatos diferentes do tradicional, constituído de uma faixa retangular e horizontal. A questão que se faz é como as narrativas construídas nessas dimensões ampliadas são percebidas pelos leitores. Seriam categorizadas como tiras? O objetivo deste artigo é responder a essa pergunta. Ancorada nos pressupostos teóricos da Linguística Textual e em estudos sobre tiras digitais, esta pesquisa trabalha com a premissa de que os aspectos contextuais são relevantes para explicar o modo como essas produções são assimiladas pelos leitores. A análise usará exemplos da série *Will Tirando*, do desenhista brasileiro Will Leite.

**Palavras-chave:** Tiras. Contexto. Categorização.

**RESUMEN:** La entrada de las tiras en ambientes digitales trajo algunos cambios. Uno de ellos es la posibilidad de crear historias en formatos diferentes de los tradicionales, lo de una tira horizontal y rectangular. La cuestión que se plantea es cómo las narrativas construídas con estas dimensiones extendidas son percibidas por los lectores. Ellas se pueden categorizar como tiras? El propósito de este artículo es responder a esta pregunta. Anclada en los supuestos teóricos de la Linguística del Texto y en estudios a respecto de las tiras digitales, esta investigación trabaja sobre la premissa de que los aspectos contextuales son relevantes para explicar cómo estas producciones son asimiladas por los lectores. El análisis utilizará ejemplos de la série *Will Tirando*, creada por el dibujante diseñador brasileño Will Leite.

**Palabras-llave:** Tiras. Contexto. Categorización.

### INTRODUÇÃO



Figura 1: Tira da série *Will Tirando*, de Will Leite, veiculada no blog do autor  
Fonte: LEITE, Will. Manchete. *Will Tirando*. Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/entendedor-anonimo-33/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

\* Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil. [contatopauloramos@gmail.com](mailto:contatopauloramos@gmail.com)

A narrativa que abre este artigo foi veiculada no blog *Will Tirando* em 9 de fevereiro de 2017. Criada pelo desenhista brasileiro Will Leite, ela sintetiza o que convencionalmente se entende por tira. Na explicação apresentada pelo *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, seria um “segmento de uma história em quadrinhos, usualmente constituído de uma única faixa horizontal contendo três ou mais quadros” (FERREIRA, 1999, p. 1963).

Parte-se da premissa de que tanto o autor quanto o leitor do blog compartilham dessa definição. Ao menos idealmente, o primeiro procura desenvolver a história já pensando nas marcas constituintes dela; o segundo, familiarizado com essa forma de produção, tenderia a absorver aquele conteúdo sem maiores problemas e a narrativa seria interpretada como sendo uma tira.

Ficariam configuradas, assim, as condições mínimas para que ocorresse a interação entre ambos, mediada pelo texto multimodal – este é entendido aqui como o uso dos variados modos semióticos na composição textual, forma como o conceito tem sido trabalhado por autores como Kress e Leeuwen (2010), Marcuschi (2008) e Cavalcante, Custódio Filho e Paiva (2014).

Tendo essas observações iniciais em mente, inclusive a definição dicionarizada, como seria processado, então, este outro caso?



Figura 2: Tira de *Will Tirando*, inserida na página do autor no Facebook

Fonte: LEITE, Will. Manchete. *Will Tirando*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/willtirando.blog/photos/a.477363422347996.1073741827.183199398431068/1258788027538861/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

A narrativa foi inserida na página da série mantida no Facebook. A veiculação na rede social ocorreu em 11 de fevereiro, dois dias depois de ser apresentada no blog. A história, vê-se, é a mesma. Mudou apenas a forma de apresentação: em vez de quadros justapostos em linha horizontal, eles foram divididos dois a dois, um par na parte de cima, outro na debaixo. Com essa disposição, as laterais ficam assimétricas, uma mais à esquerda (a superior), outra mais à direita (a inferior).

A nova configuração afasta a narrativa da forma convencional como as tiras vinham sendo trabalhadas. Do ponto de vista do leitor, como ele a enxergou? O novo formato interferiu na forma de identificação da história? A postagem gerou 15 comentários de internautas. A maior parte opinava sobre o conteúdo da narrativa. Dois deles, no entanto, mencionavam especificamente a diagramação utilizada e a categorizavam como sendo tira (omitimos os nomes dos autores para evitar a identificação deles):

- Will Tirando, show de diagramação essa **tira**. (11.02.2017, às 11h39min, grifo nosso)
- Muito bom o novo formato das suas **tiras** no Facebook. Suas tiras são ótimas, acompanho todo dia (12.02.2017, às 10h40min, grifo nosso)

Os dois leitores sinalizam a percepção de que a forma de apresentação destoa da que convencionalmente vinha sendo apresentada. O segundo faz isso de forma bastante explícita, ao mencionar o “novo formato” adotado. Mesmo assim, a produção foi vista como tira. Por quê? Um dos motivos pode estar no texto que antecedeu a história. O autor inseriu a frase “tira de (ante)ontem”, seguida do título dado à narrativa, “‘Antipolemizador’ Anônimo”.

São dados que podem ter interferido na forma como o leitor enxergou aquela produção e que ajudariam a explicar por que ela havia sido categorizada como tira. Há mais a ser dito, no entanto. Entendemos que a explicação seja mais ampla e que passe pela questão do contexto, tanto o referente ao local onde a história esteja circulando quanto o relacionado às experiências contextuais trazidas pelos leitores.

A proposta deste artigo é abordar justamente esse aspecto. Defendemos a ideia de que os elementos contextuais contribuem para o processo de categorização das tiras nas mídias digitais, quer sejam apresentadas no formato mais convencional (caso da Figura 1), quer sejam mostradas em tamanhos variados (como o da Figura 2).

Para caminhar adiante na estrada que explica o processamento das tiras nos ambientes digitais, será necessário, antes, dar um passo atrás, de modo a observar o que já foi dito e a permitir tornar mais sólido o terreno ora trilhado.

Inicialmente, faz-se necessário ter clareza sobre o que se entende por contexto, referência e categorização dos objetos de discurso. Para isso, serão de valia os estudos do campo da Linguística Textual, em particular os relacionados ao modo como essa teoria se construiu no Brasil.

Paralelamente, será importante recuperar o que já foi dito sobre o processo de circulação das tiras contemporâneas, bem como do caráter variável de seus

formatos. Somente então poderá ser trabalhada a análise, que será ancorada em tiras da série *Will Tirando*.

## 1. CONTEXTO

Ao discutirem o que exatamente seria o contexto, Hanks (2008) e Van Dijk (2012) convergem na leitura de que o conceito foi se tornando gradativamente mais presente em diversos campos das ciências humanas e sociais durante as décadas de 1960, 70 e 80. Outro ponto de contato nas discussões trazidas por ambos é que se trata de um tema a ser ainda detalhado, por ser abrangente quando aplicado e plural quando definido. Nas palavras de Hanks:

Hoje em dia se reconhece de forma bastante ampla que muito (se não tudo) da produção de sentido que ocorre por meio da língua(gem) depende fundamentalmente do contexto e que, além disso, não há uma definição única de quanto ou de que tipo de contexto é necessário para a descrição da linguagem. Consequentemente, não há razão para esperar que algum modelo único ou conjunto de processos sejam analiticamente suficientes para toda pesquisa (e há boas razões para ser cético em relação a pretensões universais). (HANKS, 2008, p. 174-175)

Na abordagem do tema, cada um construiu modelos de análise diferentes. Hanks procura se afastar da visão dicotômica que prioriza apenas o aspecto microtextual ou então somente o lado macrotextual. No entender do pesquisador, o estudo a respeito do assunto ganharia se conseguisse articular essas duas frentes. É o que propõe. Relacionando os campos da Antropologia e da Linguística, ele sugere que a análise leve em consideração duas dimensões: emergência e incorporação/encaixamento.

A primeira abordaria os aspectos discursivos da atividade linguística, produzida na interação inter-pessoal e marcada temporalmente, tanto social quanto historicamente. A segunda dimensão, incorporação/encaixamento, trabalharia os elementos dentro de um cenário mais abrangente (como o enquadramento à situação ou os papéis exercidos pelos seres nas práticas sociais).

Embora o contexto esteja mais relacionado ao momento de produção, no primeiro caso, e a um cenário mais amplo, no segundo, o autor defende um caminho analítico em que uma dimensão tenha a outra sob perspectiva: “a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferentes, como qualquer historiador sabe, assim como a incorporação aplica-se a campos mais locais de produção do enunciado” (HANKS, 2008, p. 175).

Van Dijk, por outro lado, procura dar ao tema um olhar sociocognitivo. O linguista postula que os contextos – o termo é usado por ele no plural – estejam atrelados às informações trazidas pelos participantes da atividade verbal. De acordo com o autor:

*Não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele), mas a maneira como os participantes definem essa situação. Portanto, os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades. Se os*

contextos fossem condições ou restrições sociais objetivas, todas as pessoas que estão na mesma situação social fariam do mesmo modo. (VAN DIJK, 2012, p. 11, *itálicos do autor*)

Dessa forma, segundo o pesquisador, os participantes da atividade verbal trariam para a interação mediada pelo texto modelos de contextos próprios. Seriam esses modelos que viabilizariam o modo como o contato interpessoal ocorre e que explicariam seu processamento, da apropriação da situação comunicativa ao domínio das marcas de gênero, da adequação ao registro linguístico pertinente à percepção das condições sociodiscursivas mais amplas.

O autor destaca que tais modelos contextuais são experiências únicas e dinâmicas dos participantes do ato verbal, embora construídas com bases sociais. Seria ancorado neles, nos modelos contextuais, que os discursos seriam construídos e que ocorreria o processo de compreensão. O intuito de Van Dijk, portanto, é explicitar a inter-relação estabelecida entre os aspectos cognitivos e sociais na forma de abordagem do contexto.

Os termos contexto e modelo de contexto são definidos por ele “como um modelo mental específico, ou como uma interpretação subjetiva feita pelos participantes das propriedades relevantes da *situação* (social, interacional ou comunicativa) da qual participam” (VAN DIJK, 2012, p. 44-45, *itálico do autor*). E finaliza com uma ressalva: “onde os estudos mais antigos usam frequentemente ‘contexto’, eu uso ‘situação’ (comunicativa)” (id., *ibid.*, p. 45). Situação, por sua vez, é definida por ele como “fragmentos demarcados espaçotemporalmente de mundos (sociais) possíveis” (id. *ibid.*, p. 45).

A forma como a Linguística Textual se construiu no Brasil pode ser incluída entre as áreas que ampliaram o destaque para o contexto ao longo do tempo, tal qual descreviam Hanks e Van Dijk. Contemporaneamente, também predomina a leitura de que os sujeitos trazem contextos próprios para os eventos comunicativos mediados pelo texto.

Koch (2002, 2008) postula que o contexto abrange não somente a situação textual imediata, da qual as pessoas participam, mas também o contexto sociocognitivo trazido pelos sujeitos. Este último, de acordo com a autora, subsume os demais:

Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal (...): o conhecimento linguístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico (*frames, scripts*), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade). (KOCH, 2002, p. 24)

Essa acepção do conceito é bastante próxima à de Van Dijk e dialoga com a de Hanks, no sentido de procurar uma integração entre micro e macrotexto e de observar a atividade linguística como uma prática social (ou evento comunicativo, no escopo da Linguística Textual). Será dessa forma que o contexto será visto neste artigo, ou seja, trata-se de item necessário para a interpretação de produções

verbais e multimodais (caso das tiras) e que tanto envolve os saberes trazidos pelos sujeitos para a atividade de interlocução quanto os conhecimentos deles da situação em si e do momento sócio-histórico vivido.

Essa acepção contemporânea se sobrepõe a um dos primeiros conceitos sobre o tema trabalhados no país, o de fatores de contextualização. Estes foram abordados por Marcuschi em uma das obras pioneiras sobre Linguística Textual no Brasil, publicada em 1983 – e reeditada duas vezes (MARCUSCHI, 2009, 2012). A proposta do linguista é que haveria elementos no entorno do texto que auxiliariam no processo de construção do sentido.

O autor divide os fatores de contextualização em dois grupos. O primeiro seria chamado de contextualizadores e seria composto pelo que chamou de sinais éticos. Ele destaca para essa situação a assinatura, a localização de onde a produção circulou, a data e seus elementos gráficos. O segundo grupo seriam os dados perspectivos, em que se destacam o título, o início do texto (item que permite enquadrar sua tipologia textual) e a autoria.

Embora, como dito, trate-se de um conceito sombreado pela forma como o contexto vem sendo trabalhado contemporaneamente pela Linguística Textual, a apropriação dele será de particular relevância para este estudo.

## 2. REFERENCIAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Credita-se a Mondada e Dubois (2003[1995]) uma virada na forma como a referência passou a ser trabalhada no campo do texto no Brasil. Em vez de ser uma reprodução fiel do mundo, seria uma atividade instável, consolidada discursivamente no ato de enunciação. Em outros termos: o mecanismo referencial não seria dado automaticamente, mas construído. Por isso, as autoras optam por renomear os referentes, chamando-os de objetos de discurso, e propõem classificar essa atividade de referenciação, de modo a destacar seu caráter processual.

As categorizações dos objetos de discurso acompanhariam essa maleabilidade discursiva. Elas variariam, para as autoras, tanto sincrônica quanto diacronicamente. E estariam diretamente sujeitas ao ponto de vista e/ou às influências cognitivas e contextuais. Nas palavras das pesquisadoras, o “ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto” (MONDADA; DUBOIS, 2003[1995], p. 34).

As categorizações poderiam ser, portanto, reformuladas ou recategorizadas discursivamente, ou seja, refinadas e/ou transformadas durante o processamento textual. Pautada nesses princípios teóricos, Koch (2002, 2009) sintetiza o mecanismo de referenciação em três estratégias:

- 1) construção ou ativação do objeto de discurso;
- 2) reconstrução ou reativação do objeto categorizado;
- 3) desfocalização ou desativação, quando outro objeto de discurso é introduzido, ocupando o espaço do anterior.

Para a linguista, os processos de ativação podem ocorrer de dois modos: de forma ancorada ou não ancorada. Na primeira situação, trata-se de um objeto de discurso novo surgido no texto. Na segunda, a introdução se dá por meio de associação a elementos já apresentados ou via inferência e seria relevante para o processo de progressão textual.

Sobre a questão, Cavalcante (2011) acrescenta que tais referentes não precisariam estar explícitos para que sejam construídos pelos participantes da interação. Valeria aqui, uma vez mais, o aspecto sociocognitivo dos sujeitos:

Mesmo quando os referentes são introduzidos no texto por expressões referenciais, estão respaldados por um contrato tácito de coparticipação do destinatário, que aceita responder em alguma medida à atividade que lhe é solicitada. Há uma pressuposição pragmática de que o coenunciador sabe do que se trata, e de que, ainda que não o saiba exatamente, alguns indícios contextuais levá-lo-ão a reconstruir o objeto discursivo, mesmo que vagamente. Por isso, para nós, toda entidade referida é construída sob a pressuposição de que de algum modo vai tornar-se *acessível* na interação. (CAVALCANTE, 2011, p. 119)

Assim como na discussão sobre o contexto, percebe-se que o papel sociocognitivo dos sujeitos é de suma importância para a atividade de referenciação e de categorização dos objetos de discurso. Para esta nossa discussão, tais premissas teóricas serão relevantes para a aplicação do processamento textual das tiras em ambientes digitais e a percepção sobre o modo como elas são identificadas por seus leitores.

### 3. CATEGORIZAÇÃO DE TIRAS

As tiras tiveram nos jornais um dos principais suportes de circulação durante o século XX. Nestes tempos digitais, os blogs tiveram (e ainda têm) um papel importante de consolidação delas nos ambientes digitais. É isso que atestam pesquisadores que já trabalharam o tema no Brasil, casos de Nicolau e Magalhães (2013), Magalhães (2013) e Ramos (2013).

O predomínio é de tiras cômicas. Segundo Ramos (2011), elas são um dos gêneros possíveis de tiras e teriam como marca central a criação de uma narrativa humorística, com desfecho inesperado, tal qual uma piada. Embora reconheçamos essa especificação, optamos neste estudo por nos referir a essa forma de produção apenas pelo termo “tira”.

A troca de suporte trouxe algumas mudanças, algo que já seria esperado por conta da troca do lócus de circulação. Nos blogs, tem-se um contato direto com o leitor por meio do espaço dos comentários. Outra modificação, apontada por Ramos (2014), é uma maior maleabilidade e ampliação dos formatos utilizados para a criação das histórias. O tamanho tradicional, composto por uma faixa horizontal e tão frequente nos diários jornalísticos impressos (caso da Figura 1), é apenas um dos utilizados pelos autores.

Os desenhistas passaram a se valer de formatos equivalentes ao de duas ou três tiras, de contornos quadrados em vez dos retangulares ou de composições

inovadoras, como a vista na Figura 2. Ao estudar três séries digitais produzidas no Brasil, Castro (2016) identificou o mesmo comportamento maleável do molde usado para a criação das tiras. Percebeu, porém, que, dentro dos tamanhos plurais, existiria um mais recorrente, a que chamou de protípico.

Uma das séries analisadas por ele foi justamente *Will Tirando*, o mesmo objeto abordado neste artigo. De acordo com Castro, o formato prototípico usado pelo autor, Will Leite, é o retangular e horizontal, composto por quatro quadrinhos (igual ao visto na Figura 1). Essa disposição foi a mais recorrente (25,16%) entre as 1.240 tiras da série pesquisadas por ele.

Tiras com um, dois e três quadrinhos cada uma representaram, respectivamente, 18,47%, 5,81% e 18,71%. Com cinco quadros, 13,15%. Produções feitas em dimensões maiores e, portanto, com mais quadrinhos representaram 18,71%.

Somados, os casos de um a cinco quadrinhos correspondiam a 81,3% dos casos. Percebe-se, portanto, que o desenhista tendia a manter em seu blog o formato tradicional das tiras, como as criadas para os jornais. Observamos a página virtual da série durante fevereiro de 2017. Nos 28 dias no mês, o autor pôs no ar 19 histórias. Dessas, foram identificados quatro formatos diferentes:

- retangular e horizontal (11 casos; 57,9%);
- quadrada, em tamanho equivalente ao de duas tiras (6 casos; 31,6%);
- retangular, em tamanho equivalente ao de duas tiras (1 caso; 5,25%);
- em tamanho equivalente ao de três tiras (1 caso; 5,25%)

Nota-se que ocorreu comportamento semelhante ao mapeado por Castro em seu estudo. O formato retangular e horizontal predominou entre as produções (somou quase 58% das ocorrências). Observando a questão do ângulo do leitor regular do blog, ele tende a estar familiarizado com a pluralidade de formatos utilizados, por mais que tenha contato mais frequente com um deles, o prototípico.

O internauta que acessa a página compõe o que Van Dijk (2012) chamou de membros de um grupo ou de uma comunidade. Só que virtual, no caso. No contrato enunciativo estabelecido entre autor e leitor(es), estabelece-se a expectativa de apresentação regular de tiras. Esse dado passa a ser elemento constituinte da bagagem cognitiva de quem acompanha a página e integra o contexto trazido por ele, e que é atualizado durante o ato de leitura, mediada pelo texto multimodal (a tira, no caso).

Esse grupo estaria propenso, portanto, por meio de modelos contextuais próprios, a enxergar tiras nas produções veiculadas pelo desenhista, independentemente do formato apresentado. Isso fica explicitado no espaço dos comentários do blog, que fica na parte inferior à da postagem. É lá que autor e leitor manifestam suas opiniões a respeito do conteúdo da(s) história(s) e de outros aspectos relacionados a ela(s).

As 19 histórias inseridas no blog ao longo do mês de fevereiro de 2017 somaram 146 comentários, média de 7,7 registros por postagem – dados observados em 28.02.2017. Os temas abordados foram dos mais variados, com maior tendência de referência ao conteúdo de cada uma das narrativas. Houve, no

entanto, 11 menções à tira em si. As histórias, independentemente dos tamanhos e dos formatos utilizados, foram categorizadas pelos leitores como sendo “tiras” (3 casos; 27,3%) ou “tirinhas” (8 registros; 72,7%).

Vejam os dois casos, a título de ilustração (uma vez mais, os nomes dos autores foram omitidos para evitar identificação):

- A cor que vc vê nessas **tirinhas** junto com o branco (20.02.2017, às 15h17min, grifo nosso)
- O rosa fora de moda e a **tirinha** em tons de rosa. Coincidência? (21.02.2017, às 10h08min, grifo nosso)

Ambos, como visto, categorizam como “tirinha” ou “tirinhas” a narrativa gráfica lida no blog. O uso desse termo como objeto de discurso é relevante para reforçar o aspecto de que os leitores trazem modelos contextuais próprios para o processo de interação. Isso porque a forma “tirinha” é utilizada pelos internautas mesmo não sendo referida na página virtual. A informação é acionada por conhecimento prévio, conforme descrito por Koch (2002).

No blog, identificam-se alguns fatores de contextualização. A história mostrada na postagem costuma ser acompanhada por um título e, em poucos casos, por um texto de apoio, em que o autor tece comentários sobre o conteúdo da tira ou a respeito de alguma informação de bastidor sobre a criação dela.

No canto direito da tela, há um espaço fixo, que apresenta com destaque a frase “Tiras boas ou não, o que vale é a intenção”. Percebe-se que o próprio desenhista se refere aos conteúdos que produz como sendo tiras, e não tirinhas. Essa interpretação é reforçada nos comentários. Ao menos em um deles, o autor categorizou dessa forma as histórias:

- O motivo é... usar basicamente a mesma **tira**, sem precisar desenhar quase nada novamente e fazer com que pareça uma tira “nova e inédita” (comentário do próprio autor, Will Leite, em 15.02.2017, às 11h12min)

Percebe-se comportamento semelhante no Facebook, rede social onde o autor reproduz as histórias criadas para o blog. Já vimos isso no início desta discussão, ao apresentarmos o caso da Figura 2. Observemos este outro exemplo, de 28 de fevereiro:



Figura 3: História da série *Will Tirando*, criada com tamanho de três tiras  
 Fonte: LEITE, Will. Manchete. *Will Tirando*. Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/o-que-eu-nao-gosto-no-truco/#comments>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

Essa foi a única das 19 histórias criadas por Will Leite durante o mês de fevereiro de 2017 no tamanho equivalente ao de três tiras – que, como já visto, é pouco usual na série. O autor, como costuma fazer no Facebook, apresentou um elemento relevante do ponto de vista dos fatores de contextualização. Antes da narrativa, expôs este texto: “Tira de hoje! O que eu não gosto no truço. ‘Parabéns, você e seu Zap venceram. Vida que segue, amigo’”. Ou seja, o desenhista introduz o objeto de discurso de forma não ancorada, categorizando-o como tira.

Até as 23h50min do dia 28 daquele mês, haviam sido registrados nove comentários de leitores. Um deles demonstrava ver uma tira naquele conteúdo: “Não entendi uma palavra dessa **tira**...” (negrito nosso). Ao reativar o objeto de discurso (ancorado) dessa forma, o internauta confirma que a história fora

assimilada como tira, aparentemente sem estranhamento, apesar do tamanho maior que o habitual.

Uma explicação possível é que o leitor da série, além de trazer em sua bagagem contextual o dado que as histórias mudam de formato, demonstra reconhecer nessa produção o mesmo gênero dos demais casos apresentados na página virtual, porém construído estilisticamente de outro modo, maior que o habitual. Conforme Koch (2002), a pessoa acionaria nesse contato com o texto multimodal os conhecimentos de gênero e estilístico, respectivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo procurando problematizar alguns aspectos relacionados ao modo de circulação das tiras nos ambientes digitais. Uma primeira constatação era a de que os autores se valiam de formatos diferenciados para a criação das histórias. Utilizamos como recorte para a análise narrativas da série brasileira *Will Tirando*, de Will Leite.

A pergunta que havia sido feita era: de que modo essas novas dimensões, distintas das habituais, seriam identificadas pelos leitores? Em outros termos: o objeto de discurso tira seria categorizado da mesma forma nessa nova situação? A resposta, identificada já nas primeiras páginas, era sim. Isso podia ser percebido por meio dos comentários registrados pelos internautas. O que nos levava à outra questão, mais complexa: por quê?

Partimos da hipótese de que os aspectos contextuais estariam na base da resposta. Como visto pelo olhar teórico da Linguística Textual, o conceito de contexto abrange tanto o entorno do texto em si quanto as experiências contextuais que os sujeitos trazem para a situação de interação. Todos esses fatores plurais seriam elementos relevantes para o processamento textual e para a construção de seus respectivos objetos de discurso e categorizações.

Os leitores trazem esses modelos contextuais para o contato com as histórias veiculadas pelo desenhista no blog e no Facebook. A regularidade no contato com narrativas de dimensões variadas – em que pese o predomínio de uma delas, a produzida no formato horizontal e retangular – tornou familiar a experiência de leitura dessa forma de produção e se somou à bagagem cognitiva de quem acompanha a página virtual.

Somam-se a isso os fatores de contextualização apresentados pelo autor. O termo “tira” é explicitado ao visitante do blog e do Facebook, o que ajuda no processo de reativação do objeto de discurso. Mesmo assim, muitos leitores optaram por referenciar o que viam como sendo “tirinha(s)”. Esse dado, no nosso entender, só reforça o caráter individual dos modelos contextuais apresentados durante esse evento comunicativo.

Essas constatações levam a uma última consideração: a definição de tira apresentada pelos dicionários já não condiz com o modelo contextual trazido pelos autores e leitores brasileiros de tiras. As dimensões maiores e variáveis sinalizam que o verbete carece de revisão e de atualização.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CASTRO, Thiago Estevão Calixto de. *Tiras cômicas online: mediação e interações na linguagem das tiras*. 195 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em: [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1802/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Castro,%20Thiago%20Estev%C3%A3o%20Calixto%20de\\_2016.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1802/1/CT_PPGTE_M_Castro,%20Thiago%20Estev%C3%A3o%20Calixto%20de_2016.pdf) Acesso em: 27 fev. 2017.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *C coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Trad. Anna Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato Cabral Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Série Dispersos).
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. 1 reimpr. London: Bloomsbury Academic, 2010.
- LEITE, Will. *Will Tirando*. Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Recife: Mestrado em Letras e Linguística/Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates 1).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2009. (Coleção Luiz Antônio Marcuschi).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Bisai; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Coleção Clássicos da Linguística 1).

- NICOLAU, Vitor. *Tirinhas & Mídias Virtuais: a transformação deste gênero pelos blogs*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.
- NICOLAU, Vitor; MAGALHÃES, Henrique. As tirinhas e a cultura da convergência: um estudo sobre a adaptação deste gênero dos quadrinhos às novas mídias. In: LUIZ, Lucio (org.). *Os quadrinhos na era digital: HQtrônica, webcomics e cultura participativa*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013. p. 63-79.
- RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.
- RAMOS, Paulo. O papel revolucionário dos blogs na circulação de tiras no Brasil. In: LUIZ, Lucio (org.). *Os quadrinhos na era digital: HQtrônica, webcomics e cultura participativa*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013. p. 81-92.
- RAMOS, Paulo. Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras. *Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos; ECA-USP, 2014. v. 3. n. 1. p. 85-103. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/96/117> Acesso em: 27 fev. 2017.
- RAMOS, Paulo. Raio-X das tiras no Brasil. *Nona arte: revista brasileira de pesquisas em histórias em quadrinhos*. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos; ECA-USP, 2015. v. 4, n. 1. p. 49-58. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/159/152> Acesso em: 27 fev. 2017.
- VAN DIJK, Teun. *Discurso e contexto*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido: 01/03/2017

Aceito: 03/04/2017